

## Crítica e recepção nos bastidores do arquivo literário

Kelen Benfenatti Paiva<sup>1</sup>

### Resumo:

*A partir dos arquivos da escritora Henriqueta Lisboa (1901-1985) que se encontram no Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG, a presente comunicação propõe uma reflexão sobre a importância dos arquivos para os estudos literários, tendo em vista a existência de documentos que permitem recontar histórias sob diferentes perspectivas. Nesse sentido, são significativos os documentos alocados nos arquivos da escritora que nos possibilitam delinear sua importância no cenário cultural de seu tempo e narrar parte de sua história, uma vez que, por meio de recortes de jornais guardados por ela e da correspondência que recebeu de intelectuais, é possível "reconstituir" a recepção de sua obra. Assim, a leitura dessas fontes documentais nos permitem pensar o arquivo como lugar de mediação crítica no qual circulam manuscritos, pareceres, opiniões e avaliações do texto literário.*

**Palavras-chave:** Arquivo literário, correspondência, crítica, Henriqueta Lisboa.

*Sempre pensei que a missão do crítico fosse, acima de tudo, orientar, desbravar caminhos, adivinhar possibilidades. Não apenas explicar para o público, testemunhar compreensão, dar notas ao cabo de exames.*

**Henriqueta Lisboa. Carta a Mário de Andrade**

Ao adentrar no labirinto dos arquivos de Henriqueta Lisboa (1901-1985)<sup>2</sup> e fazer-me destinatária dos fragmentos de vida que ali se encontram, uma constatação pareceu-me evidente: trata-se de um espaço privilegiado de pesquisa, um rico acervo que reúne manuscritos e datiloscritos, livros, objetos pessoais, mobiliário, fotografias, recortes de jornais sobre literatura e uma vasta correspondência, documentos que se contam aos olhos do visitante e do pesquisador.

Os arquivos de um escritor, no caso os de Henriqueta Lisboa, são importantes para os estudos literários, pois além de registrarem informações biográficas, contam, muitas vezes, a história do texto publicado, os impulsos da criação, o labor literário marcado pela rasura no processo de escrita, o caminho percorrido do manuscrito ao texto publicado, trajeto tão caro à crítica genética, além de questões que envolvem a produção literária, sua divulgação e recepção.

Informações sobre a recepção da obra de Henriqueta Lisboa podem ser apreendidas nos arquivos da escritora, seja nos recortes de jornais que ela guardava com notícias sobre a publicação de seus livros seja no diálogo epistolar que estabeleceu com vários intelectuais brasileiros e estrangeiros. Em meio a tantas cartas, recorro, neste trabalho, àquelas trocadas com Carlos Drummond de Andrade<sup>3</sup> e as que a escritora recebeu de Mário de Andrade<sup>4</sup>, por se tratarem de

---

<sup>1</sup> Kelen Benfenatti PAIVA, doutoranda em Letras/Estudos Literários  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
benfenatti@bol.com.br

<sup>2</sup> O espaço alocado no Acervo de Escritores Mineiros na UFMG busca reproduzir o ambiente de trabalho da poetisa mineira a partir de seu espólio doado à universidade. Em meio a seus arquivos estão cerca de três mil documentos entre cartas, cartões e telegramas que recebeu de amigos, intelectuais, familiares, instituições e leitores diversos.

textos que registram informações sobre a recepção, a análise e a crítica tanto da obra da própria escritora quanto da de seus correspondentes.

### **Henriqueta Lisboa: de remetente à destinatária**

O cuidado de Henriqueta em escrever cartas, responder a um pedido, atender a um parecer sobre um livro se mostra nos arquivos de sua correspondência. Embora a maioria das cartas que enviou se constitua um “arquivo nômade”<sup>5</sup> sobre o qual não temos notícias, a correspondência que recebeu de muitos correspondentes foi cuidadosamente guardada por ela.

Nas cartas trocadas com Drummond são significativos os comentários sobre literatura e sobre as obras dos dois poetas. Henriqueta se faz leitora-crítica dos versos de Drummond, que, de forma semelhante, envia-lhe comentários relativos à poética da escritora. Esse discurso crítico mediado pela correspondência pode ser evidenciado em vários momentos da troca epistolar, como se observa em uma carta sobre *Sentimento do mundo* (1940), incluída mais tarde por Henriqueta em *Convívio poético* (1955). Nela, a escritora revela mais que impressões sobre o livro e analisa a poética de Drummond:

Do absoluto real, e só dele, se alimenta a sua poesia: grave, pois, pela força do elemento humano. Sóbrio pela concentração dessa força nos limites de uma arte impressiva, talhada a golpes firmes e fundos. [...] Poeta da hora presente [...], você realiza, com a sua arte seca e breve, uma espécie de balança em que se equilibram, de um lado, as nostalgias secretas de um mundo apenas entrevisto e logo perdido [...] e, do outro, a irretorquível necessidade de viver a vida quotidiana, a vida de hoje, com todos os seus apetrechos de emergência. (DUARTE, 2003, p. 19)

Como leitora atenta, destaca certos traços que mais tarde serão pontuados pela crítica, como a tensão entre dois “mundos”: o arcaico e o moderno, o passado e o presente. Destaca ainda, na mesma carta, a inquietude do sujeito numa época “que não é bem a sua”:

Essa maneira sua, terrível, de enfrentar a realidade e de rir-lhe na cara, tanto mais bruscamente quanto mais trágica ela é, esse humor cristalizado representa, de fato, não apenas o traço de união entre os impulsos contraditórios de um mesmo ser diante de uma época que não é bem a sua (pelo menos em nome da alma), como também as angústias dessa época de mutações. (DUARTE, 2003, p. 19-20)

As considerações sobre a obra de Drummond revelam um exercício crítico bastante aguçado, e privilegiam questões como o lirismo, a nostalgia, o ludismo, o humor, o engajamento, a náusea, o pessimismo, a meditação filosófica, existencial e o próprio fazer poético. Sua análise apurada condiz com o que acreditava ser necessário ao crítico assim como a qualquer leitor de poesia: sensibilidade. Para Henriqueta “embora a classifiquem como ‘literatura científica’, a crítica

---

<sup>3</sup> A correspondência trocada com Drummond foi organizada por Constância Lima Duarte e encontra-se publicada em *Remate de males* (2003).

<sup>4</sup> As cartas de Mário à autora foram publicadas em *Querida Henriqueta: cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa* (1991).

<sup>5</sup> A expressão “arquivo nômade” para designar a correspondência escrita por Henriqueta Lisboa e não localizada foi uma sugestão de Marcos Antonio e Moraes na defesa de minha dissertação.

é também uma arte, não dispensa o dom espontâneo, a intuição, a irradiação insopitável de íntimo ser, a fim de que possa surpreender a outros seres, o que de peculiar possuem.”<sup>6</sup>

Parece ter sido a sensibilidade poética responsável também por sua leitura acertada dos versos de Mário de Andrade. Sobre isso Mário escreveu em carta de 30 de janeiro de 1942:

Mas a sua carta, com ela você tirou de um livro de poesias, uma compreensão tão mais total e íntima de mim...[...] você diz que ‘nenhuma coação se infiltra no meu mundo poético’. Principalmente pelas frases que a cercam essa afirmativa tem o efeito de uma verdadeira denúncia do que tenho sido em poesia. E isso foi tão mais grato pra mim, que não só ninguém nunca percebeu isso, como só frases em contrário tenho ouvido.(ANDRADE, 1991. p.71)

Mário encontrou na poetisa, mais que uma iniciante a qual deveria apenas orientar, uma escritora dotada de sensibilidade poética, visão crítica e inteligência capaz de manter o diálogo epistolar à sua altura. Henriqueta, aliás, foi uma das poucas vozes femininas que se corresponderam com o escritor.

As análises críticas mediadas pela correspondência contemplam também a obra da escritora, uma vez que era prática comum a troca de livros e o agradecimento e comentários sobre os mesmos. Nas cartas de Drummond, às vezes, o que se observa são apenas agradecimentos cordiais, outras vezes, momentos de profunda análise, embora geralmente sejam breves os comentários. Em carta de 1º de março de 1950, o poeta escreve a Henriqueta para agradecer-lhe o livro *Flor da morte* e comenta: “A linguagem poética é tão abrangente em si mesma, que traz resposta às indagações que suscita. Lendo *Flor da morte* encontrei tudo aquilo que precisava encontrar, e comunguei com V. [...]”. (DUARTE, 2003. p. 45) Esse comentário de Drummond antecipa sua análise sobre o livro feita em um artigo intitulado “Henriqueta Lisboa, um poeta conta-nos da morte”, publicado inicialmente no *Minas Gerais*:

Henriqueta Lisboa deteve-se a contemplar a face sombria da moeda. Uma experiência pessoal, evidentemente, está na origem de sua contemplação. Mas como, em seu pudor, soube esfumar os contornos dessa experiência, de tal sorte que todos nós, leitores, também já experimentados ou ainda não, nos sentimos igualmente solicitados a participar desse puro e doloroso ato poético que é o seu livro. (DUARTE, 2003. p. 48)

Henriqueta comenta o artigo na carta de 7 de maio de 1950, afirma que fora uma das mais belas surpresas de sua vida e reconhece o valor das palavras de Drummond, não apenas para a sua vida literária, mas, principalmente, para o seu mundo interior. (DUARTE, 2003. p. 46)

Nas cartas enviadas por Mário à poetisa também se observam momentos de análise literária. Henriqueta enviava ao escritor poemas datilografados e recebia comentários sobre seu fazer poético. Mário afirma que Henriqueta alcançara em sua poesia uma técnica que seria impossível não gostar, contudo, as análises realizadas por ele, prestam-se a interferir no texto, apontando as falhas e as possíveis melhoras. Sugestões, na maioria das vezes, aceitas por Henriqueta.

As cartas analisadas nos possibilitam destacar o ato crítico presente nas diversas leituras, da mais simples a mais complexa, da do elogio à das pontuações de falhas. É possível ainda afirmar

---

<sup>6</sup> Recorte de jornal arquivado no Acervo de Escritores Mineiros, na série “Recortes sobre Henriqueta Lisboa”. O artigo intitulado “Lançado na Francisco Alves o livro ‘Horizonte da crítica’” está datado de agosto de 1965, mas não apresenta referência ao local e ao periódico.

que há, nesses documentos, críticas literárias diversas. Enquanto Drummond se restringe a comentários elogiosos dos livros já publicados e enviados posteriormente a ele, Mário realiza uma crítica de bastidores, voltada à confecção da obra, aos processos pré-redacionais.

**“Vou ser advogado do diabo, como se diz, ser severíssimo”**

Na maioria das considerações de Mário de Andrade sobre a obra de Henriqueta, ecoa do arquivo da correspondência a voz do crítico que aponta as falhas de maneira direta e impiedosa. Ele observa, sugere ou exige mudanças, elogia, e diz claramente quando algo não lhe agrada, corrige versos, reprova o uso de algumas palavras, critica idéias muito lógicas ou simplistas, nega certo didatismo e não mede palavras para se expressar em relação aos versos enviados a ele por Henriqueta, como em longa carta de 16 e 17 de abril de 1940 (ANDRADE, 1991. p. 7-16) em que comenta poemas da escritora: “Si conservar isso, brigo com você até a quarta geração”; “Isto eu juro pela minha honra que precisa tirar, Deus te livre!”; “Pura demagogia de orador de comício. Pelo amor de Deus, tire isso, modifique, se arrume!”; “Muito bom. Um bocado sentimental mas profundamente feminino e bem realizado.”; “tire isso, tire isso! Fica feio e desnecessário”; “Não gosto, mas desta vez é questão de incompetência minha.”; “Não gosto, francamente não gosto. Isto não é poesia”. Embora as palavras por vezes parecessem duras advertências, Mário insistia em deixar claro que a autora deveria conservar sua total liberdade, senão estariam perdidos ambos e também a poesia:

Mas lhe peço por favor quando retirar ou consertar alguma coisa, fazer sempre isso por sua exclusiva vontade e responsabilidade. [...] guarde sua liberdade inteira, por favor! Si concordar, muito que bem: jogue fora, conserte. Mas si não concordar, sustente. Só assim terei facilidade e despreocupação. [...] não se esqueça nunca que os seus versos e livros são exclusivamente de você. Muitas vezes um estado de idéias em que a gente está com paixão, um exemplo mau, um estado de sensibilidade, uma fadiga momentânea, até um calo doendo, pode me levar a um erro, a uma leviandade. Mas aí está você pra controlar tudo isto [...]. (ANDRADE, 1991. p. 101)

É interessante destacar que Mário liga a leitura e crítica da obra a um estado do corpo e do espírito, e admite que o crítico pode errar em suas análises e que o poeta é quem tem o controle de seus versos. As afirmações do escritor trazem implícita uma questão que se encontra no cerne de qualquer leitura, seja ela do leitor comum ou do crítico, a subjetividade.

Subjetivas parecem ter sido algumas críticas de Mário como se observa em suas considerações sobre o poema “Mamãezinha”, de Henriqueta Lisboa. No início de 1942, em sua primeira análise sobre o poema, o escritor afirma: “Só não gostei de ‘Mamãezinha’, bem feito sempre, mas de um banal só banal mesmo, fiquei desagradável.” (ANDRADE, 1991. p. 67) Entretanto, na carta de 16 de junho de 1942, Mário não se lembra do comentário feito e pergunta: “Porque você excluiu ‘Mamãezinha’, por causa da tristeza final? Uma nota de melancolia não me parece ficar mal no coração infantil.” (ANDRADE, 1991. p. 93) Parece que as duas opiniões sobre o poema se deram em diferentes “estados do corpo ou do espírito” e o que lhe parecera banalidade se tornou uma melancolia necessária ao coração infantil.

Henriqueta publicou o poema “Mamãezinha” em *O menino poeta*, em 1943:

Mamãezinha, conta,  
conta uma história!

Mamãezinha agora  
está no fogão  
fazendo quitutes  
para o seu neném

Mamãezinha, conta,  
Conta uma história!

Mamãezinha agora  
está no tanque  
lavando as roupas  
do seu neném.

Conta, Mamãezinha,  
conta uma história!

Mamãezinha agora  
está no seu sono  
cansado, sem sonhos. (LISBOA, 1943. p. 49)

Em outra longa carta de 16 de abril de 1940, Mário comenta poemas da autora e, sobre “Prisioneira da noite”, adverte:

O pior é o penúltimo verso. Repare como ele aclara por demais a poesia, prejudicando a vagueza lírica, a força intuitiva e anti-lógica da imagem. É feio, chega a ser falta de educação isso de ter encontro marcado “com o destino” que é um senhor. [...] Modifique isso, Henriqueta, modifique sinão brigo com você até a décima geração. Diga sim que tem um encontro marcado há longo tempo, tudo isso é lindo, MAS NÃO DIGA COM QUEM! (ANDRADE, 1991. p. 10)

Mário nega-se a aceitar construções poéticas que esclarecem demais o poema e fazem todo o trabalho para o leitor. Para ele, a lógica não deve prejudicar a vagueza lírica e intuitiva da poesia, e o poeta não deve dizer tudo em seu poema, mas deixar que o leitor faça a sua parte, tire as próprias conclusões. É interessante que Mário instrui Henriqueta a realizar poeticamente o que ele próprio realizou na poesia, certa “vagueza lírica”, valorizando a força antilógica da imagem. Em resposta à crítica de Mário ao poema em questão, a autora segue essa sugestão, e escreve: “Tenho um encontro marcado há longo, longo tempo...”

Em outros momentos, a crítica de Mário será uma reação a um certo didatismo apreendido nos versos de Henriqueta, e escreve na carta de 16 de abril de 1940: “Cuidado, cuidado, Henriqueta, cuidado com a professora! Às vezes, dentro da mais verdadeira poesia, você assume um jeito didático que assusta pra longe a poesia.”(ANDRADE, 1991. p. 8.) O embate entre poetisa e professora é apreendido pelo escritor nos momentos em que identifica um tom pedagógico e moralizante nos versos, o que “assusta pra longe a poesia”, uma vez que esta não devia ter a função de ensinar.

Apesar de afirmar que a poesia deixaria de ser poesia se fosse didática, há momentos em que Henriqueta não consegue se libertar de um certo tom pedagógico. E é Mário quem destaca frequentemente o vínculo entre poesia e didática insistente em sua poética, como se observa em “Coração magoado”, artigo sobre *Prisioneira da noite*, em que o escritor afirma: “Ora, Henriqueta Lisboa vive sempre esvoaçando em meus pensamentos, feito um passarinho. Quando os seus versos não se tingem de um certo didatismo que desejo esquecer, e maltratam a terceira parte deste livro novo [...].”(ANDRADE, 1970. p. 2.)

Mário insistentemente combatia o que acreditava ser um apego de Henriqueta a uma didática de pensamento lógico e novamente a adverte:

[...] tem em você agora, com certa indecisão, imprecisão de divisão, duas pessoas distintas. Uma delas é o Poeta, e a outra é a Professora Católica. [...] Ora o perigo poético de você, é que como quem interfere na sua conceptuosidade é uma professora e uma professora de espírito religioso (e sem misticismo, entenda-se!) sucede com muita freqüência que o conceito fica conceito lógico, conclusivo, conselho, moralidade fabulística [...].(ANDRADE, 1991. p. 145)

Ao fazer-se leitor crítico da obra de Henriqueta, Mário se mostra coerente com suas propostas de utilização das cartas como *locus* de experimentação do texto literário. Ao atuar como crítico lhe interessa alcançar diretamente o agente produtor da obra, o artista, como bem se mostra nas palavras do escritor a outra correspondente feminina, Oneyda Alvarenga, em 14 de setembro de 1940:

É curioso quando eu escrevo uma crítica estou sempre pensando no artista criticado e nos outros artistas da mesma arte. Só penso no público nos casos puramente pragmáticos de impor um artista que admiro caso, a força, a intenção que predomina em mim não é o público mas o artista. Quero dizer: não viso iluminar um público, mas salvar o artista. O impor, lhe dar meios provenientes da consagração, pra viver. (ALVARENGA, 1983. p. 282)

Como crítico, Mário de Andrade confessa-se focado no artista e não no público, e, ao fazê-lo, deixa a nós, leitores de correspondências, indícios da intencionalidade do texto epistolar como parte de um projeto de militância literária, um desejo de fazer parte do texto “do outro”, em uma espécie de “co-autoria invisível”, ainda que apenas de uma palavra, uma construção metafórica, uma idéia a ser desenvolvida.

Na contramão da crítica que se pretende responsável por “explicar para o público”, “dar notas ao cabo de exames”, Mário se mostra, na correspondência com Henriqueta, como aquele que se permite criar, interferir na obra de outrem, dialogar com o artista, com seu processo criativo, com sua obra. Atitude que nos leva a pensar a correspondência como lugar de experimentação crítica, ao

menos dessa crítica que se assume e se pretende interventora e criadora, uma crítica capaz de “orientar, desbravar caminhos, adivinhar possibilidades”.

Assim, pensar o texto epistolar como espaço de mediação crítica é admitir a existência de outras críticas, como destaca Miranda ao refletir sobre o futuro da crítica literária: “Há críticas para jornais e revistas, há críticas para livros e há críticas para a sala de aula. Há, ainda, outras críticas. Não as podemos julgar incompatíveis, nem como se disputassem prioridade ou diferentes graus de importância. [...] A cada uma o seu papel.” (MIRANDA, 1998, p.90) Nesse sentido, é possível afirmar que nos bastidores dos arquivos literários, como os de Henriqueta Lisboa, encontram-se textos que nos permitem pensar os diferentes tipos de críticas sobre a obra literária e as diferentes atuações do discurso crítico que ora se ocupa da obra já publicada ora se coloca como interventor de seu processo de escrita. Nos dois casos, cabe ressaltar a importância do arquivo literário para os estudos literários quer por conter textos que ampliam as perspectivas de análise da obra literária quer por possibilitar que se pense a atuação de uma crítica que se dá nos bastidores do arquivo.

Este trabalho foi realizado com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

## **Referências Bibliográficas:**

- ALVARENGA, Oneyda. *Cartas* - Mário de Andrade. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- ANDRADE, Mário de. Coração magoado. *Minas Gerais*. Belo Horizonte, 28 fev. 1970. Suplemento Literário. p.2. Edição especial dedicada a Henriqueta Lisboa.
- ANDRADE, Mário. *Querida Henriqueta: Cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. Organização de Abigail Oliveira Carvalho.
- DUARTE, Constância Lima. *Remate de Males*. Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Henriqueta Lisboa. Campinas: Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, n. 23, 2003.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- LISBOA, *O menino poeta*. Rio de Janeiro: Bedeschi, 1943.
- MIRANDA, José Américo. A crítica literária e o futuro. *Lugares críticos*. Belo Horizonte: Orobó Edições/FALE-UFMG, 1998.